ao próximo, a se colocar na posição do outro para poder respeitar e ser respeitado.

REFERÊNCIA

BUSATTO,Cléo. Contar e Encantar. 3ª edição, Petrópolis, ed. Vozes, 2003.
COELHO, Betty. Contar histórias uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 2002.
ECO, Umberto. Seis passeios pelo bosque da ficção. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
GOTLIB, Nadia Batttella.Teoria do Conto. 10ª edição, São Paulo: Ática, 2003.
LEITE, Lígia Chiappini Moraes, O Foco Narrativo. 10ª edição, São Paulo, 2002.
MESQUITA, Samira Nahid de. O enredo. São Paulo: Ática, 2003.
NOVA Enciclopédia Barsa: Macropédia. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1997. 178 p. v. 6.
SAMPAIO, Aline Fernanda Camargo. O gênero fabula como ferramenta para o processo de ensino e aprendizagem de língua materna. Revista Literatura, São Paulo, ed. 65, p.26, jan/fev 2010.
TODOROV, Tzvetan, As Estruturas Narrativas. 4º edição, São Paulo: Perspectiva, 2

CONTAÇÃO DE HISTORIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO RECURSO FUNDAMENTAL EM SALA DE AULA

MARCILENE CAVALCANTE DA SILVA

RESUMO

Este artigo tem como foco o recurso de contação de historias em sala de aula, a importância desse recurso no aprendizado de crianças na educação infantil, e tem como objetivo identificar quais contribuições esse recurso pode oferecer às crianças e aos professores e como pode ser trabalhado de forma a oferecer um melhor aproveitamento de suas propriedades. Este artigo tem como metodologia a pesquisa bibliográfica do tipo narrativa, exploratória e descritiva e como embasamento teórico científico foi pesquisado livros e artigos científicos de autores pesquisadores dentro da temática citada, tais autores como Gladis Kaecher (2001) e Abromovich (1995) que trazem uma gama de pesquisas na área da educação, envolvendo os processos de desenvolvimento cognitivo e social da criança. A seleção dos dados de pesquisa determinará o tipo de artigo que mais se encaixa na linha de raciocínio para elucidar o trabalho. Desta forma o embasamento teórico selecionado de acordo com o objetivo do estudo que é fundamentar a utilização da contação de histórias em sala de aula.

Palavras Chave: Histórias; Lúdico; Pedagogia; Contação

ABSTRACT

This article focuses on the storytelling resource in the classroom, the importance of this resource in children's learning in early childhood education, and aims to identify what contributions this resource can offer to children and the teacher and how it can be worked on. in order to offer a better use of its properties. This article has as methodology the bibliographic research of the narrative, exploratory and descriptive type and as a scientific theoretical basis researched books and scientific articles by author researchers within the mentioned theme, such authors as Gladis Kaecher (2001) and Abromovich (1995) that bring a range of research in the field of education, involving the child's cognitive and social development processes. The selection of research data will determine the type of article that best fits the line of reasoning to elucidate the work. Thus, the theoretical basis selected according to the objective of the study, which is to support the use of storytelling in the classroom.

INTRODUÇÃO

A contação de histórias é um momento de muita interação entre alunos, professores e livros. As crianças e seus professores interagem com o livro como se este tivesse vida própria. A cada leitura a história apresenta coisas novas, para os pequenos nunca é demais ouvir a mesma história ou folhear as páginas do mesmo livro mais de uma vez. As histórias fornecem essa mágica às crianças, um mundo totalmente novo a cada vez.
Como problemática deste artigo, busca-se identificar quais as contribuições da contação de historias

em sala de aula com foco no ensino infantil. Para responder a este questionamento foram coletados livros e artigos sobre a importância da contação de histórias com autores renomados dentro dessa literatura. Assim como a Prof.ª Dr.ª em Educação Gladis Elise Pereira da Silva Kaercher1, que atualmente é professora titular da Universidade Federal do Estado do Rio Grande do Sul, que diz a respeito da importância da contação de histórias:

O ato de ouvir e contar histórias está, quase sempre, presente nas nossas vidas: desde que nascemos, aprendemos por meio das experiências concretas das quais participamos, mas também através daquelas experiências das quais tomamos conhecimento através dos que os outros nos contam. Todos temos necessidade de contar aquilo que vivenciamos, sentimos, pensamos, sonhamos. Dessa necessidade humana surgiu a literatura: do desejo de ouvir e contar para, através desta prática, compartilhar (KAERCHER, 2001, p. 83).

Também contando com o embasamento cientifico de diversos autores formadores de opinião e especialistas na área de pedagogia e estudos do comportamento infantil e social.
Este artigo tem por objetivo geral informar a importância da contação de historias na educação infantil como recurso fundamental e sala de aula. E Como objetivo especifico, identificar quais as contribuições do recurso de contação de historias trás para vida da criança, e como deve ser utilizado em sala de aula, para que este seja de melhor forma aproveitado por seus professores, oferecendo assim a total capacidade que as histórias podem oferecer.
O primeiro capítulo deste artigo trata-se desta introdução na qual é preciso deixar claro qual a problemática será trabalhada. O segundo capitulo trata-se de uma breve conceituação do surgimento das historias, desde a época das cavernas quando o homem desenhava nas paredes para poder se expressar, até os tempos mais recentes onde a criança passou a ter um lugar maior na sociedade tendo estudos e livros dedicados a elas.
1 http://lattes.cnpq.br/0588613047770817

O terceiro capitulo a tratar-se aqui é a utilização de histórias em sala de aula, qual a importância deste recurso tão simples, mágico e rico. E como o professor precisa preparar-se para trabalhar com o recurso da contação a fim de prender a atenção dos pequenos e ainda ensinar conteúdos que possam ser explorados nas histórias.
Por fim, o ultimo e quarto parágrafo far-se-á uma identificação de como surgiram os contos de fadas e quais são as suas contribuições para as crianças na educação infantil enquanto seres ainda não alfabetizados e como este recurso pode ser aproveitado pelo professor.
Sendo assim, este artigo tratará de responder aos questionamentos acima mencionados a respeito da contação de histórias, este por fim é um artigo de importância na vida acadêmica de professores e futuros professores para que estes possam de forma concreta trabalhar a contação de historias em suas salas de aulas de modo que este aprendizado se torne prazeroso, benéfico e produtivo para seus alunos.

2 - O SURGIMENTO DE HISTORIAS FANTASIOSAS

A comunicação surgiu na época das cavernas quando a humanidade, mesmo sem saber falar, precisava de uma forma para se comunicar. No principio o homem contava suas historias em desenhos feitos em suas cavernas, fazia suas somas matemáticas mesmo sem saber somar, era através dessas pinturas nas paredes que a comunicação deu início. Anos após, o homem desenvolveu a oralidade e junto com ela a curiosidade sobre de onde vimos e para onde iremos, através da curiosidade criou-se historias fantasiosas sobre vida, morte e qual o poder maior que a controla, deuses e divindades. Essas historias eram primeiramente contadas ao redor de fogueiras, pois o fogo aquecia o corpo, cozinhava a comida e as historias matavam a curiosidade dos ouvintes.
O contador de historias descobriu que em sua narrativa atraia a atenção de pessoas, ganhando a admiração dessas e tornando-se uma espécie de celebridade da época. Dessa forma surgiram os primeiros escritores e atores, pois ao contar uma

historia o contador desenvolve a interpretação de seus personagens. Rodrigues declara que:

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a fic-

ção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

Em diversas sociedades a narrativa teve seu papel principal para difundir o conhecimento muito antes da escrita, segundo Zumthor2 (2000, p.59) a "performance designa um ato de comunicação como tal; refere-se a um momento tomado como presente. A palavra significa a presença concreta de participantes nesse ato de maneira imediata."
O ato de contar histórias é intrínseco do ser humano, contamos historias para as crianças antes de dormir, para ensiná-las alguma coisa ou para ilustrar com ludicidade um fato ou acontecimento. De acordo com Paulo Freire (1994, p. 11) "a leitura do mundo procede à leitura da palavra". Ou seja, antes de aprender a ler e escrever no papel aprendemos a ler o mundo e as historias ajudam a contar o mundo, seja de forma criativa ou não, tudo depende de quem a conta. Para Caldin (2002, p. 30) o contador precisa de algumas características para conseguir entrar no enredo do conto,

[...] é necessário captar o ritmo e a cedência dos contos, fazer as pausas no momento certo, não entrar em descrições cheias de detalhes, criar um clima de envolvimento e de encanto, e, acima de tudo, usar todas as modalidades e possibilidades da voz – sussurrar, imitar os ruídos, as vozes dos animais, as inflexões que indicam suspense e clímax.

Na tradição oral, o conto segundo Busatto (2003, p. 28), "[...] é um retrato da magia e do encantamento, uma fantástica criação da mente humana". Contar historias é contar outro mundo, na hora da história o contador e o ouvindo se deslocam para outro mundo, um mundo de fantasia, mágica, super poderes, onde tudo pode acontecer.

2 ZUMTHOR, Paul. Performance, Recepção, Leitura. São Paulo: EDUC, 2000

Narrando a história com voz clara e limpa, valorizando cada parte por meio de mudanças de entonação: usando a voz em seu registro mais grave ou mais agudo, dependendo da situação, com maior ou menor intensidade, variando a velocidade da narrativa ou das palavras etc. Esses aspectos enriquecem a interpretação e chamam a atenção dos bebês e crianças para a diversidade sonora e expressiva, assim como para a riqueza de possibilidades de exploração a voz. (BRITO, 2003, p,162)

Até meados do século XVIII, a criança era vista como um adulto em miniatura, dividindo suas tarefas e compartilhando suas atividades diárias. Os cuidados atribuídos às crianças eram semelhantes ao adulto, não existia uma ludicidade capaz de visualizar a criança como um ser humano em constante aprendizado e desenvolvimento que necessitava de criatividade, paciência e compreensão.
Foi somente a partir de algumas mudanças na sociedade burguesa do século XVIII que as crianças começaram a ser vistas como pessoas que necessitavam de ajuda no desenvolvimento físico, psicológico e social.

A concepção de criança é uma noção historicamente construída e consequentemente vem mudando ao longo dos tempos, não se apresentando de forma homogênea nem mesmo no interior de uma mesma sociedade e época […] a criança, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. (BRASIL, 1998, p. 21).

A partir desta mudança na percepção cognitiva da criança começaram a surgir estudos de médicos e filósofos da época. A indústria também começava-se a desenvolver o que ajudou na propagação de livros de historias fantasiosas. De acordo com Rasteli (2015, p.105, 106)

No fim do século XVII e durante o século XVIII surgem os primeiros livros para crianças. Zilberman (1994:13) relata que "antes disso, não se escrevia para elas, porque não existia a infância". Essa afirmação deve-se ao fato de que a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessidades de formação específica, aliada a uma nova concepção de família, só aconteceria em meio à Idade Moderna.

Dessa forma, antes dos avanços tecnológicos da época, pouco se via a criança como criança, somente apos 18 séculos este ser começou a ter seu lugar na sociedade, o conteúdo de historias era pouco lúdico, sendo assim não havia articulação de personagens feitos para o mundo infantil, Segundo Barroso e Silva (2015, p.16)

As histórias possibilitam a articulação entre objetividade e subjetividade, "espaço entre", no qual se situa o trabalho pedagógico. É, portanto, um recurso riquíssimo que pode promover a criatividade, a criticidade e a sensibilidade do pequeno leitor. O conteúdo mítico, as ações praticadas pelos personagens e os valores morais implícitos na narrativa, permitem projeções que facilitam a elaboração de questões emocionais, muitas vezes expressas em sintomas que se apresentam na aprendizagem.

As histórias facilitam a compreensão de mundo das crianças, através delas os pequenos começam a ter entendimento dos percursos da vida, nascimento, morte, família, alegria e tristeza. É o que cita Garcia (2003, p.10)

"Era uma vez..." tem sido a senha para se entrar no maravilhoso mundo dos contos, mitos, lendas e fábulas. Basta que alguém diga essas três palavrinhas mágicas que o encanto acontece, e nós, adultos e crianças, como que hipnotizadas, esperamos que o contador prossiga com sua narrativa. Por que isso acontece? Porque ao ouvirmos uma história temos a possibilidade de refletir sobre a vida, sobre a morte, sobre nossas atitudes e ESCOLHAS [...] (GARCIA 2003, p. 10)

As historias infantis são propulsores de realidade e uma ferramenta de sucesso dentro da sala de aula, discutiremos no próximo capitulo a importância da utilização da literatura infantil em sala de aula.

3 – A UTILIZAÇÃO DE HISTORIAS EM SALA DE AULA

O recurso de contação de histórias é muito utilizado em salas de aula, pois os contos possuem uma mágica particular que cada vez que é contado algo de novo surge. As crianças são levadas a um novo mundo, um mundo onde cada um deles pode criar suas próprias fantasias, mas muitas vezes os livros infantis são usados somente em sala de aula, pois a maioria das crianças no Brasil não tem disponível este recurso em casa.

As rodas de contação de historias promovidas por professores em sala de aula ou outro ambiente escolar promovem a interação criativa entre aluno, professor e livro, este ultimo sim, pois na contação de historias o livro praticamente cria vida própria, proporcionando ao momento da roda de historias uma mágica que é imaginar um mundo diferente cheio de mágica e fantasia. Cabe ao professor "transformar a contação em um importantíssimo recurso de formação do leitor."

(PENNAC3, 1993, p. 124). "Porque para formar grandes leitores, leitores críticos, não basta ensinar a ler. É preciso ensinar a gostar de ler. [...] com prazer, isto é possível, e mais fácil do que parece". (VILLARDI4, 1997, p. 2).

Citando Schermack (2012, p. 05-06) a forma de narração da história é fundamental para criar o ambiente e aproximar o ouvinte ao contexto do conto:

Contar uma história é sempre o 'revelar de um segredo'. Os ouvintes ingressam na intimidade do narrador, tornando-se depositários dos mistérios e dos saberes que uma história carrega. Não se trata de um saber informativo apenas, mas poético, na base do simbólico, com uma estética que se concretiza na medida em que a performance se desenvolve. Enquanto o contador ordena as informações, através das escolhas linguísticas que realiza, o interesse do ouvinte vai sendo despertado. O que está sendo dito pelo narrador, de forma gradativa, vai aproximando-o da platéia (SCHERMACK, 2012, p. 05-06).

Muitas salas de aula da educação infantil são enfeitadas com o "Cantinho da Leitura", estes cantinhos são feitos e decorados pelos próprios professores, usando recursos básicos, como estante de livros, cartazes com desenho dos contos infantis, tapetes e almofadas. Sendo assim, o ambiente criado por estes profissionais facilita a interação entre a criança e a historia e possibilitando uma melhor forma de visualizar o conto e suas fantasias, é o que cita Faria (2017, p. 09) e Moreno (2009, p.234) em:

(...) podemos salientar algumas orientações básicas durante o ato do professor contador de histórias: entonação de voz cativante; movimento corporal; materiais de apoio; uso de onomatopeias; provocação de ruídos em momento de suspense; olhar comunicativo; expressões faciais (medo, alegria, indignação, tristeza, raiva, malícia); imitação; repetição de frases marcantes; criatividade quando o momento exigir improvisação; espaço para participação da platéia (pequenas interferências); cantigas pequenas condizentes com a história e interposição entre o som e silêncio, evitando vícios no vocabulário (cacoetes).

O sucesso de uma contação de histórias depende muito das pessoas envolvidas, bem como de um espaço físico adequado. Quando o professor con-

ta uma história, expressando-se com uso de voz e gestos, de forma a imitar o personagem, ora sorrindo, ora chorando, faz com que os alunos viajem nas asas da imaginação de um mundo mágico e inesquecível.

3 PENNAC, Daniel. Como um romance. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

4 VILLARDI, Raquel. Ensinando a gostar de ler: formando leitores para a vida inteira. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

O professor em sala de aula é o mediador de conhecimento, é através dele que o aluno desenvolve seu potencial social, criativo, social, físico e também emocional. É preciso que a instituição de ensino propicie aos alunos uma educação lúdica de forma prazerosa buscando desenvolver e revelar o potencial de cada um de seus educandos. Para Ribeiro (2010, p. 8), "através das histórias que a criança sente diferentes emoções como alegria, medo, tristeza, bem-estar, insegurança, entre tantas outras, e assim ela aprende a lidar com seus sentimentos da sua maneira".
O ato de contar histórias para alunos dos anos iniciais de ensino fundamental I está intrinsecamente, relacionado ao desenvolvimento psicológico, afetivo e intelectual do educando, trata-se de uma metodologia capaz de transformar a realidade, quando empregada e desenvolvida adequadamente. (RAMALHO, 2019, p. 17)

É a partir da contação de historias que a criança aprende a brincar de ler, trabalha a criatividade, a visão de mundo, desenvolve cognitivo, além de aprender palavras novas mesmo não sabendo (ainda) ler e escrever, seu vocabulário pode ser expandido ao ponto que se interaciona com a literatura. Sendo assim, os livros infantis despertam na criança o gosto pela leitura vinculando o lúdico com matérias que são trabalhadas aos poucos em sala que aula.

Além disso, a história permite o contato das crianças com o uso real da escrita, levando-as a conhecerem novas palavras, a discutirem valores como o amor, família, moral e trabalho, e a usarem a imaginação, desenvolver a oralidade, a criatividade e o pensamento crítico, auxiliam na construção de identidade do educando, seja esta pessoal ou cultural, melhoram seus relacionamentos afetivos interpessoais e abrem espaço para novas aprendizagens nas diversas disciplinas escolares, pelo caráter motivador da criança (CARDOSO, 2016, p. 08).

Sendo a escola o local em que a maioria das crianças tem contato com a arte, é de responsabilidade pedagógica e social que este ambiente reproduza os conhecimentos de forma criativa visando à interação sociabilidade das crianças com o mundo através do lúdico. As historias infantis apresentam o estimulo necessário para o desenvolvimento infantil, mas é necessário que o professor, pessoa que está entre o conhecimento e a criança, seja estimulador do conhecimento de forma criativa a fim de fazer com que estas crianças aprendam os conteúdos de forma lúdica, este profissional precisa gostar de ler para ensinar a ler, ou seja, gostar do que faz é importante na educação pedagógica infantil. Segundo Abromovich (1995,
p. 16) (...) "Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas,

muitas histórias. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter o carinho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo".
"A escola tem uma grande responsabilidade neste processo, o sistema educativo deve ajudar quem cresce em determinada cultura a se identificar, a partir das narrativas é possível construir uma identidade e encontrar-se dentro da própria cultura". (BERNARDINO; SOUZA, 2011, p. 241).
De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) é dever de o Estado fornecer e contribuir para o exercício da cidadania, o respeito à dignidade e aos direitos sociais e emocionais das crianças de zero a seis anos, como cita em:

- o respeito à dignidade e aos direitos das crianças, consideradas nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas etc.;
- o direito das crianças a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil;
- o acesso das crianças aos bens socioculturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à comunicação, à interação social, ao pensamento, à ética e à estética;
- a socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma;

- o atendimento aos cuidados essenciais associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade (BRASIL, 1998, p. 17).

É preciso enfatizar que em 2006 o Ministério da Educação (MEC), apresentou em dois volumes o documento de nome Parâmetros Nacional de Qualidade para Educação Infantil, no qual foi publicado parâmetros para a qualidade da Educação Infantil brasileira, são alguns deles:

Em síntese, para propor parâmetros de qualidade para a Educação Infantil, é imprescindível levar em conta que as crianças desde que nascem são:
- cidadãos de direitos;
- indivíduos únicos, singulares;
- seres sociais e históricos;
- seres competentes, produtores de cultura;
- indivíduos humanos, parte da natureza animal, vegetal e mineral. (...)

Precisam, portanto, ser cuidadas e educadas, o que implica:
- ser auxiliadas nas atividades que não puderem realizar sozinhas;
- ser atendidas em suas necessidades básicas físicas e psicológicas;
- ter atenção especial por parte do adulto em momentos peculiares de sua vida.

Assim entendido fica entendido que, há parâmetros para a educação infantil brasileira, a contação de histórias não é um simples passatempo em sala de aula, o ato de contar histórias ou contos tem sua significação para a aprendizagem em sala

de aula, o professor contador de histórias precisa pensar além, ou seja, trabalhar os conhecimentos da história a fim de conseguir que seus conteúdos não lúdicos como matérias de língua portuguesa, matemática, inglês e outras possam ser trabalhadas dentro das histórias.

4 – O CONTO DE FADAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A APRENDIZAGEM INFANTIL

Os contos de fadas sempre estiveram presentes na sociedade, embora eles não tenham sido criados para crianças, os primeiros contos que surgiram na história foram criados por Charles Perrault na França do século XVII. Mas ao longo dos tempos esses contos têm ganhado novas narrativas, uma das mais famosas delas foram as narrativas feitas pelos irmãos Grimm, a autora Vera Silva ressalta que:

esses textos criados pela imaginação coletiva e depurados na oralidade durante séculos chegaram-nos por meio dos escritos de Perrault, na França, dos Irmãos Grrimm, na Alemanha, e de outros autores. Na forma como foram registrados, encontraram sua cristalização nos meios populares, continuem a sofrer acréscimos, supressões e alterações diversas pela boca dos contadores (SILVA, 2010, p. 71).

Nos contos de fadas o ouvinte e leitor se identificam com os personagens, pois estes encontram-se em situações que fazem parte do cotidiano das crianças encontrando assim identificações com suas emoções e sentimentos como medo, amor, felicidade, tristeza e sonhos. Essas emoções e sentimentos fazem parte de cada ser humano e este tipo de identificação torna o conto de fadas cada vez mais próximo da criança toda vez que é recontado é o que ressalta Ninfa Parreiras, “cada dificuldade ou conflito instalado na história não é o pretexto principal. No contexto da narrativa, a morte, as injustiças representam estados da alma, ou seja, valores universais”. (PARREIRAS, 2013, p.149).

A pratica da contação de historia pode fazer parte do ensino e aprendizagem em sala de aula sem perder a visão da beleza e da mágica dos contos. Pois os contos são situações sugeridas em determinados momentos criando assim explicações para estas e permitindo criar maneiras de lidar com estas situações ou outras que surgirem.

Sabe-se que o ato de contar historias está ligado á criatividade e a ludicidade, comprometido com o conto no qual está contando, ou seja, é necessário dedicar-se ao momento como aqui já foi discutido. As histórias reforçam o olhar de mundo na criança, por meio delas os pequenos compreendem melhor as situações cotidianas que as envolvem, por este motivo os contos são tão importantes na primeira infância como qualquer outra aprendizagem em sala de aula, pois trabalha mecanismos psicológicos, sociais, culturais, além de contribuir para a aprendizagem da leitura em crianças em fase desse aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que o recurso de contação de histórias é uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento infantil, pois a capacidade de imaginar

histórias, cenas, cenários e personagens a partir do que se está ouvindo ajuda no processo desenvolvimento cognitivo, social, cultural e de personalidade da criança, pois a produção da criatividade favorece as sinapses cerebrais para que haja uma melhor recepção dos conteúdos aprendidos.
O exercício da criatividade facilita na interação social entre a criança e sua visão de mundo, sendo assim ajuda também no processo de construção de sua personalidade uma vez que a contação de histórias auxilia a criança na expressão de seus sentimentos como, medo, angustias, alegria, amor e entre outros.
Sabemos que a sucateamento das escolas brasileiras torna o processo de aprendizagem mais difícil ao passo que, o quadro de funcionários é menor que o necessário e muitas instituições não possuem recursos financeiros para bancar as estruturas básicas necessárias. Este tipo de dificuldade é uma batalha constante nas escolas e creches publicas do Brasil, o que torna o ensino eficaz é o trabalho forte e constante dos professores em sala de aula, pois este necessidade se desprender muitas vezes de seus próprios recursos para utilizá-los com seus alunos.
Neste cenário, na contação de historias é necessário que o professor apresente características semelhantes a um ator no seu processo de contar histórias. O ambiente e a entonação de voz contribuem muito para uma melhor fluidez do ato de contar histórias, são simples características que este profissional precisa ter ou melhorar para obter um melhor resultado nos conteúdos que deseja trabalhar com seus alunos através das histórias infantis.

Por fim, enfatiza-se que quanto mais histórias uma criança houve, melhor leitora ela será no futuro, o exemplo da contação de historias contribui não só no cognitivo e social deste pequeno ser, como também no processo de aprendizagem e desenvolvimento de leitura e produção de texto.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fani. Literatura Infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1995.

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BARROSO, T.S.N.; SILVA, C.R. Literatura na Educação Infantil: a influência da contação de histórias no processo de formação de pequenos leitores. Revista Maiêutica, Indaial, v. 3, n. 1, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil/Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília. DF, 2016.

BERNARDINO, Andreza Dalla; SOUZA, Linete Oliveira de. A contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Educare et educare revista de educação. São Paulo, v 06, nº12, p. 235-249, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em 25 ago. 2020.

BRITO, T. A. de. Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança. São Paulo: Peirópolis, 2003.

BUSATTO, Cléo. Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa. Petrópolis: Vozes, 2003.

CARDOSO, Ana Lúcia Sanches. A Contação de Histórias no Desenvolvimento da Educação Infantil. 2016. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v6-2016/ARTIGO-ANA-LUCIA- SANCHES.pdf>. Acesso em: 05 set. 2020.

CALDIN, C. F. A oralidade e a escritura na literatura infantil: referencial teórico para a hora do conto. Florianópolis, Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, n.13, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2002v7n13p25/5213>. Acesso em: 05 set. 2020.

FARIA, Inglide Graciele de; FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes; GUIMARÃES, Maria Severina Batista; FALEIRO, Wender. A influência da contação de histórias na Educação Infantil. GO, 2017. Disponível em: <

https://www.revista.ueg.br/index.php/mediacao/article/view/6368> Acesso em: 15 ago. 2020